

Literatura de cordel



Cordel dos Vestígios



Perícias de Março

Autor: José Alysson D. M. Medeiros



1ª Edição Direitos autorais reservados

A literatura de cordel é uma combinação de literatura popular e folclórica, fortemente ligada à tradição oral e à improvisação. Oriunda da poesia ibérica dos trovadores, encontrou solo fértil na Paraíba do século XIX e repercutiu por meio da viola, como principal instrumento dos repentistas e cantadores, “nossos bardos rústicos”.

A ideia de escrever um cordel sobre vestígios existia adormecida, mas chegou-me mais ritmada e musicada do que o habitual. Os versos vieram num galope de sonho dominical, tendo que escrevê-los assim que acordei. Até então escrevia em sextilhas, ou seja, estrofes de seis versos (seis pés) com sete sílabas cada um. Desta vez, imaginando o som de uma cantoria, veio o desafio de desenvolver a poesia em décimas (dez versos), com um tema de dois versos (mote), sobre o qual os versos são improvisados (glosa). O mote escolhido foi: “*Pra cada coisa da vida, cada um tem seu olhar*”.

Além disso, veio a ideia de misturar gêneros musicais bem brasileiros, onde a música *Águas de Março* poderia complementar o cordel...afinal, o que seria aquele belíssimo dueto de Elis e Tom senão uma grande peleja poética, semelhante à disputa presente em uma cantoria¹?

¹ Como bem explicou Orlando Tejo, a cantoria “é o ato de cantar versos de improviso”, “é uma disputa poética”, ou ainda, é “a polêmica rimada e metrificada ao calor da improvisação.”



Cordel dos Vestígios



Autor: José Alysson D. M. Medeiros

(1º ato: ao som de viola caipira e rabeca)

Eu pensei em escrever
Um cordel pericial,
Algum bem especial
Para o povo poder ler,
Apreciar e entender
O que pode incriminar
E ainda parodiar
Uma canção preferida.
*Pra cada coisa da vida
Cada um tem seu olhar.*

E o olhar pericial?
O que vem a reparar
Quando se está num lugar
De um caso criminal?
O que se viu no local
Que permite esclarecer?
O que veio a acontecer
Naquela cena sofrida?
*Pra cada coisa da vida
Cada um tem seu olhar.*

Vestígios que ali procuram
Qualquer coisa pode ser.
Alguns vão permanecer
E há outros que pouco duram.
Eis que os peritos apuram
Os que não são ilusórios
Ou tampouco aleatórios
E se a cena foi mexida.
*Pra cada coisa da vida
Cada um tem seu olhar.*

O pedreiro diz que é cal
Se vê pó branco qualquer.
Cada um diz o que quer
Ao ver um material.
Já padeiro diz que é sal,
Farinha ou até fermento,
Mas só o perito é atento
À substância devida.
*Pra cada coisa da vida
Cada um tem seu olhar.*

Proponho aqui misturar
Cantoria e eme-pê-bê.
Você pode até dizer:
– Cada qual em seu lugar!
Mas eu vou desafiar
E propor essa mistura,
Fazendo a nossa cultura
Nacional reconhecida!
*Pra cada coisa da vida
Cada um tem seu olhar.*

E agora eu vou mostrar
Que vestígio é quase tudo,
Basta o olhar abelhudo
De quem está a examinar.
E para exemplificar,
De uma forma educativa,
Elegante e criativa
Tom Jobim foi a saída.
*Pra cada coisa da vida
Cada um tem seu olhar...*

(2º ato: inicia com a melodia de “Águas de Março”, de Tom Jobim, e a letra adaptada de “Perícias de Março”)



Perícias de Março



É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um **perito** sozinho
É um caco de vidro, é **ferida**, é **formol**
É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol

É peroba do campo, é o nó da madeira
Caingá, candeia, **não vem da madeireira...**
É madeira **cortada? tombou** da ribanceira?
É um mistério profundo, você queira ou não queira

É o perito **atuando**, é a sua carreira
É a viga, é o vão, **caiu** a Cumeeira!
É a chuva chovendo, e **molhando a carteira**
Das perícias de março, **vai batendo** a canseira
É o pé, é o chão, **ainda é segunda-feira!**
Passarinho na mão, pedra de atiradeira

É uma ave no céu, é uma ave no chão
É um regato, é uma fonte, é um pedaço de pão
É **um corpo** no poço, é o fim do caminho
No rosto, o desgosto, é **sofrido**, é sozinho

É um estrepe, é um prego
É uma ponta, é um ponto
É o **sangue** pingando
Cada vestígio eu conto

É um peixe **indigesto**, é uma prata brilhando
Vem a luz da manhã, tijolo **desmoronando**
É a lenha, é **a pia**, é **a pele** picada
É a garrafa de cana, o estilhaço na estrada

É o projeto da casa, é o corpo na cama
É o carro enguiçado, é a lama, é a lama
É um passo, é uma ponte
É um sapo, é uma rã
É um resto de mato na luz da manhã

São **perícias de março** fechando o verão
É a promessa **do crime ter uma solução**

É uma cobra, é um pau, **foi João? foi José?**
É um espinho na mão, é um corte no pé



Vestígios – Xilogravura: Erick Lima

São **perícias** de março fechando o verão
É a promessa **do crime ter uma solução**

É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, **já não está mais sozinho**
É um passo, é uma ponte
É um sapo, é uma rã
Lá em Belo Horizonte, um carro de rolimã...

São **perícias** de março fechando o verão
É a promessa **do crime ter uma solução**

Pau, edra, im, inho
Esto, oco, ouco, inho
Aco, idro, ida, ol, oite, orte, aço, zol

São **perícias** de março fechando o verão
É a promessa **do crime ter uma solução**

- F i m -

Texto finalizado em maio e publicado em
dezembro de 2024

A adaptação, no entanto, foi mínima, seguindo em negrito no texto para mostrar como a canção já estava quase pronta ao olhar de um perito atento aos vestígios de uma investigação criminal – *desafio o leitor a encontrar as possíveis áreas de perícia relacionadas!* 😊

E, assim, misturando cantoria de viola com a paródia de um clássico da MPB² foi construída esta obra, que apresenta duas formas poéticas distintas...cada qual com seu brilho, cada qual com seu olhar. Imagino que quem já lidou com vestígios de um crime, jamais escutará *Águas de Março* da mesma forma. Por outro lado, quem apenas conhecia a música de Jobim, passará a ter outro olhar sobre quão diversos os vestígios podem ser: praticamente tudo!

Além de agradecer aos xilgravuristas Maria Edna e Erick Lima pelas belas ilustrações elaboradas exclusivamente para este cordel, gostaria de destacar os músicos que emprestaram seus talentos para gravarmos uma versão musical³ desta proposta: Yan Hipólito (rabeca e viola caipira, no 1º ato); Fernanda Vieira e Felinto (dueto, no 2º ato).

Por fim, agradeço à APCF por incentivar e apoiar a divulgação das atividades de perícia criminal de forma poética e lúdica.

O autor.

² Música Popular Brasileira.

³ Sob os cuidados da agência *Ativaweb*, em João Pessoa/PB.

José Alysson D. M. Medeiros, natural de João Pessoa/PB, é Engenheiro Civil e Perito Criminal Federal, atuando na capital paraibana. É o autor da coletânea "*Perícia em Versos*" da Millennium Editora.

Maria Edna da Silva (Edna) é artesã e xilogravurista pernambucana, nascida e residente em Bezerros. Desenvolve suas atividades no *Memorial J. Borges*, continuando o legado do mestre juntamente com outros artistas da família.

Erick Lima é artista plástico natural da cidade de Natal/RN, especializado em xilogravura. Desenvolve suas atividades junto aos poetas cordelistas da Casa do Cordel e em seu ateliê, Bodega da Xilo, na capital potiguar.

APOIO:



Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais